

CHULTZ, Gabriela Maffazzoni. Coreografando em Larga Escala: Corpo Social, Corpo Dançante. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da UFRGS; Terceiro Semestre; Orientadora Dr^a Suzane Weber da Silva. Dançarina e Coreógrafa.

America Latina, Brasil, Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Colégio Estadual Júlio de Castilhos, 2014. Centenário espaço institucional de ensino marcado por uma força de resistência política e ativismo estudantil. Nesse artigo apresentarei algumas relações entre as noções de prática, coreografia e dança de rua que permeiam parte de minha pesquisa, um processo de criação *site-specific*. O objeto de estudo centra-se no corpo como inscrição do social, selecionando uma comunidade específica; e do dançante, articulando procedimentos de criação e composição coreográfica para grandes grupos, ideia associada ao fenômeno *Flash Mob*. Ainda sobre o corpo-dançante serão acionadas movimentações próprias do universo da dança de rua e que comentarei suas utilizações no próximo parágrafo. Como resultado, tais empenhos irão conduzir uma criação coreográfica “em larga escala” com um grupo de adolescentes da rede pública de ensino porto-alegrense.

Em termos práticos, a forma metodológica dessa criação se desenvolve através de um período de vivência ao campo de trabalho e da realização de oficinas gratuitas de dança hip hop dentro do Colégio, com fins de facilitar o conhecimento dessa técnica aos alunos e criar uma coreografia a ser apresentada como um dos resultados desse processo-vivência. No universo da dança de rua, modalidade dançante com a qual me identifico, desenvolvo e acompanho alguns trabalhos, escolho especificamente por trabalhar com a “*hip hop dance*”. Seus chamados passos sociais, movimentações de base para a improvisação em dança e criação coreográfica, em grande maioria constroem-se a partir de bases motoras cotidianas - correr, saltar, pisar. Outros, com inspiração e nomenclatura lúdica, ainda homenageiam símbolos da música norte americana, do cinema ou de desenhos animados. Tais características estão presentes em passos como Running Man, Happy Feet, Cake Walk, Chiken, Robo Cop, Jerry Lewis, Chaplin, Charlie Brown.

Nesse sentido, busco identificar certas propriedades da dança hip hop que abririam possibilidades para o trabalho em dança com não-bailarinos, a exemplo da aproximação de referências cotidianas aos movimentos dançados. Além do mais, o corpo que executa tais movimentos apropria-se da técnica para mostrar o seu jeito de caminhar, correr, saltar pisar, fazendo com que exista na dança de rua um espaço de revelação da identidade do dançarino, que se aproximaria de uma forma autoral. No caso específico dessa pesquisa, consideramos ainda uma identificação dos alunos adolescentes com a Cultura Hip Hop - que engloba, além da dança, a arte do Graffiti, do Dj e do MC - perceptível pelo gosto musical, forma de vestir, andar, e até mesmo pela apropriação do ato de grafitar muros e paredes da escola.

Prática Artística

Falando de uma investigação que passa por uma vivência ao campo de estudo, o movimento de compreender certas noções próprias dos processos de criação em dança torna-se decisivo para encaminhar procedimentos prático-reflexivos da pesquisa. Em primeiro lugar interessa-me olhar para a noção de prática artística. Percebo que especialmente a dança encontra na palavra prática algo que abraça o antes o durante e o depois do trabalho do bailarino ou coreógrafo, até mesmo questionando e confundindo processo e resultado final. Por essa via é possível que certas hierarquias entre as etapas de trabalho, presentes sobretudo em uma mercadológica das práticas dominantes (WEBER, 2009, 2010), sejam quebradas. Em meu projeto, as etapas etnográficas, de conviver com a fonte, o processo de oficinas e criação coreográfica serão tão ou mais importantes que o resultado final.

Ainda sobre o tópico prática artística em dança, busco certas definições percebendo em que medida outras aproximações teóricas podem estabelecer relações que enriqueçam essa noção (Weber, 2009). O projeto artístico assim ampara-se por uma abordagem etnográfica e de análise sociológica dos corpos, para se utilizar dos conceitos de *habitus*, capital e campo, propostos por Pierre Bourdieu (1994). A transposição dos conceitos sociológicos para o âmbito da dança contemporânea é experimentada em certos estudos a fim de alimentar as reflexões críticas que compreendem o corpo e suas relações

sociais de poder e pertencimentos - Sylvia Faure (2001), Helen Thomas (2003) e Pierre-Emmanuel Sorignet (2004). Buscam-se assim contribuições para compreender uma comunidade, uma prática dançante e estabelecer uma proposta coreográfica.

O conceito de habitus em Pierre Bourdieu (1994) pode ser útil nessa compreensão ao passo que o denomina como um senso prático, ou seja, reunião de saberes práticos que irão nortear práticas distintivas. Esses múltiplos saberes em cada indivíduo, mas também coletivamente, tecem redes de experiências, que no caso do bailarino irão compor certo modo de ser corpo-dançante. Esses agenciamentos práticos envolvem em amplo aspecto atividades sociais e culturais, e constituem uma ordem de pertencimentos visíveis através do corpo.

Coreografia

A forma de pensar a coreografia dentro desse projeto estará diretamente relacionada à conexão corpo-social, corpo-dançante. Se “O corpo dançante como corpo social é aquele que encarna os valores morais, sociais e estéticos de um grupo ou sociedade” (DANTAS. 2008, p. 3), o maior interesse de pesquisa se dá nesses processos. A coreografia é vista aqui como um catalisador entre o corpo-social e o dançante, na medida em que implica escolhas éticas e estéticas, políticas e poéticas. A coreografia criada será produtivamente conceituada como ato político e transcrição de identidade corporal, individual e social (FOSTER, 2010), investigando esse corpo no ser em muitos, no dançar em muitos.

Ao relacionar um pensamento coreográfico à dança de rua criam-se milhares de conexões, e algumas paradoxais. Essa dança urbana norte-americana nasce relacionada à Cultura Hip Hop, como manifestação social e de celebração, presente em festas ao ar livre. Ou seja, pouco se aproxima até então de uma construção coreográfica para se dançar. O Breaking, dança de batalha executada por *B. boy* e *B. Girl*, é um elemento forte dessa cultura. Uma dança improvisada a partir de certo repertório de passos sociais, podendo incluir movimentos virtuosos – *powermoves*, *freezes*. Sylvia Faure classifica essas performances como danse de “battle” (2001, 2002), que corresponde ao

princípio da competição individual ou coletiva na qual a fisicalidade e o domínio de uma técnica muito específica se faz presente.

Faure ainda observa que em meados dos anos 80, com a difusão dessa dança e sua aproximação às práticas dominantes, uma nova vertente emerge: *une danse de "création"*, familiarizando-se com a dança contemporânea principalmente através da incorporação de certos procedimentos e formas de uma obra coreográfica. Mesmo a autora retratando o surgimento dessa dupla vertente em um contexto francês, para aqueles vivem e conhecem um pouco da história e configuração atual dessa dança sabem que esse fenômeno aconteceu de forma global, diferenciando-se apenas em datas, e que essa dicotomia ainda gera confrontamentos.

Nota-se que alguns procedimentos coreográficos surgem na dança hip hop a partir do momento em que essa passa a ocupar espaços institucionais, acompanhando um processo de legitimação perante as práticas dominantes. Mas como repensar a aproximação da coreografia, em todo sentido arejado que ela pode ter hoje, com a dança de rua? Partindo do desejo de também compreender a coreografia como transcrição de identidade e ato político, busco detectar de que forma a valorização de questões ligadas à identidade do bailarino, peculiaridade da dança hip hop, podem contribuir a esse pensamento, desenvolvendo um diálogo legítimo entre o fazer coreográfico e essa dança, entre corpo-social e corpo-dançante.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: Sobre a teoria da ação. Campinas/SP: Papyrus, 2011.
- DANTAS, Mônica Fagundes. **Concepções de corpos dançantes na coreografia contemporânea na perspectiva de bailarinos-criadores**. Porto Alegre, 2008.
- DANTAS, Mônica Fagundes. **Escolhas metodológicas no âmbito da pesquisa em dança**. Porto Alegre: 2008.

- FAURE, Sylvia. **Corps, savoir et pouvoir. Sociologie historique du champ chorégraphique**, Lyon : Presses Universitaires de Lyon, 2001.

- FAURE (S.), GARCIA (M.-C.), « **Danses des villes et danse d'école : le hip hop. Procédures de l'inventivité quotidienne des « danses urbaines » confrontées aux modalités d'apprentissage lors de leur insertion en milieu scolaire »**, Recherche faite à la demande du Ministère de la Jeunesse et des Sports, GRS, 2002.

- FOSTER, Susan Leigh. **Choreographing empathy: kinesthesia in performance**. New York: Routledge, 2010.

- WEBER, Suzane da Silva. **Incorporando a teoria e refletindo sobre a prática em dança contemporânea**. Porto Alegre: 2009.

- WEBER, Suzane da Silva. **The Sunday Project: por uma prática reflexiva e colaborativa**. Porto Alegre: 2010.

- SORIGNET, Pierre-Emmanuel. **Être danseuse contemporaine: une carrière corps et âme**». *Travail, genre et société*, n° 12, 2004.

- THOMAS, Helen. **The body, dance and culturaltheory**. New York: Palgrave Macmillan, 2003.